

Funaro tem dois meses para achar saída

Agência Estado



O presidente do Grupo Sharp disse que nenhum empresário pediu o fim do gatilho a Sarney

Augusto de Freitas
Enviado Especial

Itatiba (SP) — O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, tem dois meses para apresentar uma política econômica, que permita ao país sair do impasse em que se encontra perante a banca internacional e conseguir os créditos de que necessita para livrar a nação da recessão em que já começou a mergulhar. Mesmo que indiretamente, o presidente José Sarney ouviu dos empresários reunidos neste final de semana na fazenda Haras Rosa do Sul, de propriedade do empresário Mathias Machline, sugestões no sentido de recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI), como forma de convencer a banca de credores de que o país tem uma política econômica consistente, o que equivaleria dizer que Funaro falhou.

Em meio a um pedaço de picanha bem temperada e um gole de vinho chileno, a conversa de Sarney com 24 dos mais representativos empresários do país (a maior parte deles de São Paulo) desenvolveu-se de maneira cordial, mas num tom bastante duro. «Ninguém vai ao FMI para entrar em recessão. Mas se o país já está numa recessão, por continuar-mos insistindo em não negociar», disse a certa altura, um destes empresários, para quem o ministro Dilson Funaro marca a sua posição apenas por «teimosia».

A provação a que foi submetido o ministro da Fazenda começará logo ao final deste mês, como lem-

braram os empresários, que é a data-limite para que se consiga a prorrogação das linhas de crédito de curto prazo dos projetos 3 e 4, no valor global de 15 bilhões de dólares. São com estas linhas, depositadas em agências de bancos brasileiros no exterior, que se financiam as operações de exportação e importação do país. E foi justamente na paralisação dos negócios como o exterior (tanto importações como exportações), que os empresários que estiveram com Sarney mais insistiram. Além do mais, porque dessas linhas de crédito dependem as filiais bancárias que, com raras exceções, não vivem de depósitos nominais de clientes.

Mesmo ouvindo mais do que falando, o presidente José Sarney repetiu que o seu governo não vai permitir a escalada do processo recessivo e o retorno do país ao Fundo Monetário Internacional, pelo menos enquanto a política do organismo significar diminuição acentuada do crescimento interno. Deixando claro o seu apoio ao presidente José Sarney, o empresário Cláudio Bardella, presidente do Grupo Bardella, foi o mais veemente nas críticas à política econômica posta em prática pelo ministro Funaro.

Bardella falou insistenteamente no temor de uma recessão, e o próprio chefe do governo admitiu que há indícios de um quadro recessivo, embora adiantasse que está preparado para antecipar-se a estes sinais. Os empresários fizeram sugestões para conter a alta das taxas de juros, para o retorno à

economia de mercado, para a manutenção do gatilho salarial e, mais uma vez, para a volta do país ao FMI, como forma de encurtar o caminho para a negociação da dívida externa. Falou-se também muito sobre as dificuldades de importação de matérias-primas, insumos e componentes. Prevaleceu ao final do encontro a ideia de que o setor privado deve administrar a escassez de recursos para compras externas, com a Cacex estabelecendo em conjunto critérios e prioridades.

Ficou claro na reunião de Itatiba que o governo não quer mais saber da edição de novos pacotes econômicos pois, conforme o próprio Sarney declarara antes no ginásio de esportes do estádio do Pacaembu, o Plano Cruzado está em plena vigência, embora reine ainda muita confusão entre o plano de estabilização econômica e o congelamento de preços.

O anfitrião do encontro, Mathias Machline, insistiu que não se tocou no nome de qualquer ministro, nem foi pedida a cabeça do ministro Dilson Funaro. «E porque ele não foi convidado para o almoço?» quiseram saber os jornalistas: «Porque não posso convidar funcionários do governo. Isto cabe ao presidente. Mas tenho certeza que o presidente gostaria de ouvir os empresários falando sem iniciativas, por isso não trouxe ministros. Com ele ou com a participação de outros ministros, o clima do encontro teria sido o mesmo, porque não se atacou pessoas, não se discutiu sobre a permanência ou a saída de ninguém», disse Mathias.